



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

## **A RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA NA OBRA DE LINA BO BARDI: UMA ANÁLISE DA EXPOSIÇÃO BAHIA NO IBIRAPUERA, 1959**

## **LA RELIGIOSIDAD AFROBRASILEÑA EN LA OBRA DE LINA BO BARDI: UN ANÁLISIS DE LA EXPOSICIÓN BAHÍA EN EL IBIRAPUERA, 1959**

## **AFRICAN-BRAZILIAN RELIGIOSITY IN LINA BO BARDI'S WORK: AN ANALYSIS OF THE "BAHIA NO IBIRAPUERA" EXHIBITION, 1959**

Andre Felipe Batistella Souza<sup>1</sup>

### **RESUMO**

A exposição "Bahia no Ibirapuera" (1959), organizada por Lina Bo Bardi, marcou um momento crucial na valorização da cultura afro-brasileira no cenário artístico nacional. Realizada em São Paulo, a exposição trouxe para o público do sudeste brasileiro a complexidade cultural da Bahia, com destaque para a religiosidade de matriz africana. Este artigo analisa como a curadoria de Lina Bo Bardi conseguiu capturar e transpor o espírito das práticas religiosas afro-brasileiras, especialmente do Candomblé, para o espaço expositivo. Através de uma cuidadosa disposição de objetos litúrgicos, esculturas e elementos simbólicos, Lina criou uma narrativa espacial imersiva que refletia os valores espirituais e estéticos dessas tradições. Além disso, a exposição estabeleceu conexões entre os conceitos de espaço sagrado afro-brasileiro e a arquitetura expositiva, mostrando o profundo respeito da curadora pela cultura popular. A importância da exposição reside em seu impacto cultural e na forma como ela desafiou as hegemonias artísticas dominantes, ao colocar em evidência a cultura afro-brasileira como parte essencial da identidade nacional. O legado de "Bahia no Ibirapuera" permanece como um exemplo de como a arte e a arquitetura podem atuar como mediadores entre diferentes expressões culturais.

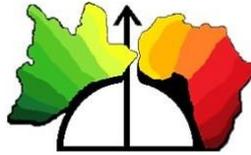
**PALAVRAS-CHAVE:** Religiosidade afro-brasileira; Lina Bo Bardi; Exposição Bahia no Ibirapuera; Candomblé; Cultura popular.

### **RESUMEN**

La exposición "Bahía en el Ibirapuera" (1959), organizada por Lina Bo Bardi, marcó un momento crucial en la valoración de la cultura afrobrasileña en el escenario artístico nacional. Realizada en São Paulo, la exposición presentó al público del sureste la complejidad cultural de Bahía, destacando la religiosidad de matriz africana. Este artículo analiza cómo la curaduría de Lina Bo Bardi logró captar y trasladar el espíritu de las prácticas religiosas afrobrasileñas, especialmente el Candomblé, al espacio expositivo. A través de la cuidadosa disposición de objetos litúrgicos, esculturas y elementos simbólicos, Lina creó una narrativa espacial imersiva que reflejaba los valores espirituales y estéticos de estas tradiciones. Además, la exposición estableció conexiones entre los conceptos de espacio sagrado afrobrasileño y la arquitectura expositiva, mostrando el profundo respeto de la curadora por la cultura popular. La importancia de la

---

<sup>1</sup> Mestre; Universidade Estadual de Maringá [andreatbatistella@gmail.com](mailto:andreatbatistella@gmail.com)



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

exposição radica em seu impacto cultural e na forma em que desafiou as hegemonias artísticas dominantes, ao colocar em relevo a cultura afrobrasileira como parte essencial da identidade nacional. O legado de "Bahia em el Ibirapuera" continua sendo um exemplo de como a arte e a arquitetura podem atuar como mediadores entre diferentes expressões culturais.

**PALAVRAS CHAVE:** Religiosidade afrobrasileira; Lina Bo Bardi; Exposição Bahia em el Ibirapuera; Candomblé; Cultura popular.

### **ABSTRACT**

The exhibition "Bahia no Ibirapuera" (1959), organized by Lina Bo Bardi, marked a crucial moment in the appreciation of Afro-Brazilian culture in the national artistic scene. Held in São Paulo, the exhibition introduced the southeastern public to the cultural complexity of Bahia, with a special focus on African-derived religiosity. This article analyzes how Lina Bo Bardi's curatorship managed to capture and transpose the spirit of Afro-Brazilian religious practices, especially Candomblé, into the exhibition space. Through the careful arrangement of liturgical objects, sculptures, and symbolic elements, Lina created an immersive spatial narrative that reflected the spiritual and aesthetic values of these traditions. Moreover, the exhibition established connections between the concepts of Afro-Brazilian sacred space and exhibition architecture, showcasing Lina's deep respect for popular culture. The exhibition's significance lies in its cultural impact and its challenge to dominant artistic hegemonies, by highlighting Afro-Brazilian culture as an essential part of national identity. The legacy of "Bahia no Ibirapuera" remains a powerful example of how art and architecture can mediate between different cultural expressions.

**KEYWORDS:** African-Brazilian religiosity; Lina Bo Bardi; Bahia no Ibirapuera exhibition; Candomblé; Popular culture.

### **INTRODUÇÃO**

A exposição "Bahia no Ibirapuera", realizada em 1959 sob a curadoria de Lina Bo Bardi, marcou um momento crucial na história cultural brasileira. Em um país que, naquela época, vivia um intenso processo de urbanização e modernização, a exposição trouxe à tona um aspecto fundamental da identidade nacional: a profunda conexão entre o Brasil e sua herança africana, especialmente no que se refere à cultura e à religiosidade afro-brasileiras. A escolha da Bahia como tema central da exposição não foi por acaso. A Bahia, com sua vibrante população afrodescendente, era — e ainda é — considerada o coração espiritual e cultural das tradições afro-brasileiras. Como observa Risério (1995), a Bahia sempre foi um território de resistência cultural, onde o Candomblé e outras práticas religiosas de matriz africana se mantiveram vivas, mesmo diante de séculos de repressão.

Lina Bo Bardi, uma arquiteta e curadora italiana radicada no Brasil, foi uma das pioneiras em promover e valorizar a cultura popular brasileira em suas múltiplas expressões.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Conhecida por sua abordagem inovadora, Lina sempre buscou transcender as fronteiras entre o erudito e o popular, e seu interesse pela cultura afro-brasileira surge como parte de seu desejo de compreender a verdadeira essência do Brasil. De acordo com Lima (2021), Lina teve um olhar sensível e aguçado para captar a riqueza simbólica e espiritual da cultura baiana, especialmente suas manifestações religiosas. Ao criar "Bahia no Ibirapuera", Lina visava não apenas apresentar a cultura popular baiana ao público paulistano, mas também evidenciar a importância dessas tradições na formação da identidade nacional.

A religiosidade afro-brasileira, particularmente o Candomblé, desempenhou um papel central na exposição. Essas práticas religiosas, que combinam elementos das religiões africanas trazidas pelos povos escravizados e elementos do catolicismo, sempre foram mais do que simples expressões de fé. Elas representam uma forma de resistência cultural e uma reafirmação da identidade afrodescendente. Bastide (2001) destaca que o Candomblé, em especial, sempre funcionou como um espaço de preservação cultural, onde as raízes africanas eram celebradas e transmitidas de geração em geração. Ao incluir esses elementos na exposição, Lina estava, de certa forma, resgatando e legitimando a importância dessas práticas no contexto cultural brasileiro.

Além disso, a exposição foi organizada em um período de transformações no Brasil. Nos anos 1950, o país experimentava um intenso crescimento econômico e cultural, com grandes projetos de modernização, como a construção de Brasília, e o surgimento de novos movimentos artísticos e arquitetônicos. No entanto, apesar dessa modernização acelerada, as tradições populares, especialmente as afro-brasileiras, ainda eram vistas com preconceito e marginalização em muitos espaços institucionais. A decisão de Lina de trazer esses elementos para o Pavilhão Ciccillo Matarazzo, um dos maiores centros culturais do país, foi, portanto, uma declaração audaciosa, que desafiava as hierarquias artísticas e culturais predominantes. Perrotta-Bosch (2021) observa que a exposição "Bahia no Ibirapuera" foi, em muitos aspectos, um manifesto cultural, que buscava integrar as tradições populares ao universo erudito das grandes exposições.



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Este artigo busca analisar como Lina Bo Bardi, através de sua curadoria, conseguiu captar e transpor o espírito das práticas religiosas afro-brasileiras para o espaço expositivo. A exposição "Bahia no Ibirapuera" não só apresentou objetos e artefatos religiosos, mas também criou uma narrativa espacial e simbólica que refletia a profundidade espiritual dessas tradições. Além disso, será discutido o impacto cultural dessa exposição no contexto paulistano e sua relevância no reconhecimento da cultura afro-brasileira como parte essencial da identidade nacional.

## **CONTEXTO DA EXPOSIÇÃO**

Mas, aí estão os trabalhos artesanais, as flôres feitas por mãos sábias de velhas pacientes, as colchas coloridas como quadros abstratos, aproveitamento de retalhos, de restos de fazenda. Aí estão os fifós que iluminam as casas mais pobres, aproveitamento dos vidros vazios de remédios e de pedaços de lata. Mostrando a arte do povo e, ao mesmo tempo, sua vida. Aí está um amplo documentário sobre as religiões afro-brasileiras – a macumba, o candomblé – tão poderosas em sua persistência sofrida, vencendo o tempo e as perseguições, vencendo os poderosos e os pernósticos – vitória do povo. Instrumentos de música negra, roupas de santos em seu esplendor, figuras de orixás misteriosos. Esculturas da África e da Bahia, a mostrar nossa ligação com as terras de Aioká. A cerâmica popular de tôda a beleza, as carrancas das barcas do rio São Francisco, rio da nossa unidade e exemplo de fôrça e da resistência do homem brasileiro. Esteiras, rêdes, panelas de barro, potes para água fresca, aquilo de que o homem se serve para o cotidiano da vida, pobres objetos que iluminam a sua pobreza com a poesia de um desenho, de uma flôr, de uma figura. Tudo que o povo toca, nesta terra da Bahia, transforma-se em poesia, mesmo quando o drama persiste. Eu poderia dizer que esta exposição revela sobretudo a fôrça criadora de uma gente que não se abate mesmo nas mais duras condições (BARDI, 1994, p. 43)

O texto acima, escrito por Jorge Amado fala sobre a exposição organizada por Lina Bo Bardi em 1959, "Bahia no Ibirapuera", instalada no recém-inaugurado Pavilhão Ciccillo Matarazzo, no Parque do Ibirapuera, representou um marco cultural para o Brasil, ao trazer para o centro do debate cultural elementos da cultura baiana, em particular as influências afro-brasileiras. Naquele momento, a Bahia já era reconhecida como um símbolo de resistência cultural, onde a tradição afrodescendente se manifestava com força em suas festividades, na música e, principalmente, na religiosidade. A exposição,



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

portanto, serviu como uma tentativa de apresentar ao público paulista um retrato dessa riqueza cultural, explorando suas manifestações visuais e espirituais (PEREIRA, 2008). Lina Bo Bardi manteve uma estreita relação com Martim Gonçalves, então diretor da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Martim, além de seu amigo pessoal, foi um colaborador essencial para Lina durante sua temporada na Bahia. Sua proximidade com o cenário cultural baiano e sua sensibilidade para com as tradições populares influenciaram diretamente o olhar de Lina ao conceber a exposição. De acordo com Lima (2021), Gonçalves desempenhou um papel chave ao aproximar Lina dos artistas e intelectuais baianos que contribuíram para a criação da exposição. Sua experiência no teatro foi crucial para que Lina construísse uma narrativa expositiva dramática, que envolvia o público não apenas visualmente, mas emocionalmente, criando uma verdadeira imersão no universo cultural baiano.

A parceria de Lina com Gonçalves na exposição Bahia foi uma experiência cultural e antropológica importante, que impulsionou sua carreira como arquiteta e curadora. A mostra concretizou sua busca cada vez maior por uma identidade nacional, que combinava impulsos românticos e retórica revolucionária e nutria o desejo de socialização da cultura que permeava de maneira ampla o pensamento de intelectuais, arquitetos e artistas progressistas do período (LIMA, 2021, p. 227).

A curadoria de Lina foi ousada ao propor um olhar que, de certa forma, rompesse com a hegemonia do modernismo europeu, promovido por artistas como Le Corbusier e que influenciava fortemente a arquitetura e o design do Brasil. Lina trouxe à tona uma cultura visceralmente brasileira, distante das escolas modernistas elitistas e das vanguardas cosmopolitas de São Paulo, como destaca Risério (1995). Ao colocar a Bahia no coração do Ibirapuera, Lina buscava evidenciar uma realidade cultural que, embora autêntica e vibrante, ainda era sub-representada nos grandes centros culturais do Brasil.

A Bahia, como destaca Lima (2021), foi escolhida por representar um lugar onde a africanidade encontrava um solo fértil para florescer. A população baiana, profundamente influenciada pelos descendentes de africanos escravizados, desenvolveu uma religiosidade marcada por rituais do Candomblé, que envolvem uma



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

complexa cosmologia, representada em objetos sagrados, danças e cânticos. Ao trazer esses elementos para a exposição, Lina se propôs a criar uma narrativa espacial que fizesse jus a essa complexidade, transformando o espaço expositivo em uma extensão dos próprios terreiros de Candomblé.

A exposição contou com a participação de diversos artistas baianos e intelectuais, que auxiliaram na construção de uma visão ampla da cultura local, com foco em sua espiritualidade. Entre os principais colaboradores de Lina estiveram nomes como Mário Cravo Júnior, Carybé e Pierre Verger, artistas cuja produção estava profundamente conectada às tradições afro-brasileiras e que tinham uma compreensão profunda das simbologias envolvidas. Segundo Risério (1995), a exposição foi uma tentativa coletiva de revelar o que chamavam de "a verdadeira Bahia", uma cultura viva que transcende o exótico e o folclórico, frequentemente associados à imagem do estado.

Além dos objetos religiosos, que incluíam esculturas, instrumentos de percussão utilizados em cerimônias e paramentos sagrados, a exposição incorporou elementos imersivos, como as cores vibrantes e a organização espacial que remetia às formas circulares encontradas nos terreiros. Como observa Pereira (2008), Lina teve o cuidado de evitar uma representação meramente decorativa da religiosidade afro-brasileira, criando uma ambientação que permitisse ao visitante uma experiência sensorial e simbólica próxima da realidade espiritual baiana (Figura 1).



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
**Circulações e Produções Culturais Negras**  
**nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem**



Figura 1: Exposição Bahia no Ibirapuera. Fonte: Ferraz (2008)

Um momento importante da exposição foi a visita de Juscelino Kubitschek, então presidente do Brasil. A presença de JK na mostra deu legitimidade e visibilidade ao evento, evidenciando o prestígio cultural que a exposição já havia alcançado. Segundo Perrotta-Bosch (2021), a visita de JK reforçou a relevância nacional da exposição, ao reconhecer que a cultura afro-brasileira e suas tradições eram fundamentais para a construção da identidade cultural do Brasil moderno. O apoio de figuras políticas de destaque trouxe à tona a importância de dar visibilidade à diversidade cultural brasileira em um momento em que o país buscava afirmar sua modernidade através de projetos culturais e arquitetônicos ambiciosos, como a construção de Brasília.

Assim, o contexto da exposição vai além de um simples recorte cultural: trata-se de uma operação curatorial complexa, em que Lina Bo Bardi não só propôs uma narrativa visual da Bahia, mas também ofereceu ao público um espaço para o reconhecimento e o respeito pela religiosidade afro-brasileira. Essa curadoria, ao deslocar o foco das vanguardas europeias para a cultura popular local, representou um ponto de inflexão na trajetória cultural do Brasil, ecoando até hoje como uma referência sobre a potência da cultura afrodescendente na formação da identidade nacional.



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Portanto, a exposição Bahia no Ibirapuera torna-se ainda mais relevante quando comparado com outras mostras artísticas da época. A 1ª Bienal de São Paulo (1951), por exemplo, ainda estava fortemente influenciada pelo modernismo europeu e pelas vanguardas internacionais. Enquanto a Bienal destacava a arte erudita e cosmopolita, com pouco espaço para as expressões culturais populares, "Bahia no Ibirapuera" trouxe um foco completamente novo, valorizando as tradições afro-brasileiras e a religiosidade popular, o que representou uma ruptura no cenário artístico de São Paulo (LIMA, 2021). Outro exemplo é a Exposição de Arte Negra, organizada por Abdias do Nascimento no Rio de Janeiro nos anos 1950. Embora com um objetivo similar de promover as culturas afro-brasileiras, essa exposição adotava um tom mais político e militante, focando na resistência cultural negra. Lina, por sua vez, optou por uma abordagem mais sutil e sensorial, criando um ambiente imersivo que permitia ao público uma conexão emocional e espiritual com a cultura afro-brasileira (ROSSETTI, 2002).

O impacto cultural de "Bahia no Ibirapuera" em São Paulo foi profundo. A cidade, que se consolidava como um dos maiores centros de arte moderna do Brasil, foi confrontada com uma exposição que valorizava a cultura popular e religiosa afro-brasileira de maneira inovadora. Ao contrário das exposições tradicionais, que muitas vezes exotizavam ou marginalizavam essas culturas, Lina apresentou a africanidade como um componente essencial da identidade nacional.

Segundo Risério (1995), a exposição provocou uma reflexão sobre o papel da cultura afrobrasileira no Brasil, desafiando as concepções elitistas e eurocêntricas predominantes nos espaços culturais da época.

Bahia no Ibirapuera teve uma considerável repercussão. Na maior parte dos casos, positiva. Além de matérias do Diário de S. Paulo, no Estado de S. Paulo, na Folha da Manhã e na Folha da Noite, a exposição rendeu até um letreiro na Times Square em nova York, no qual se anunciavam os textos da revista semanal Times Magazine. O artigo "Arts of Bahia", publicado na página 9 da edição do dia 16 de novembro, indicava que mais de 40 mil visitantes tinham visto a mostra até aquela data. A matéria indicava, a título de curiosidade, que Salvador, com 417 mil habitantes, era a cidade mais africana nas Américas [...] Contava também um pouco sobre o candomblé, citava alguns orixás e finalizava



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

apresentando Reginaldo Andrade Costa, 28 anos, meio período mecânico e, no resto do tempo, um “top Bahian devilmaker” (PERROTA-BOSCH, 2021, p. 295).

## **RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA NA EXPOSIÇÃO**

A representação da religiosidade afro-brasileira na exposição foi um dos aspectos mais marcantes da mostra. Ao incluir objetos, rituais e simbolismos do Candomblé, Lina demonstrou sua capacidade de criar narrativas espaciais que refletiam a profundidade cultural e espiritual das tradições afro-brasileiras, até então marginalizadas nas grandes exposições artísticas do país. Pereira (2008) aponta que, ao incluir esses elementos religiosos, a arquiteta reconhecia o papel central dessas práticas espirituais na formação da identidade baiana.

A exposição incluiu uma série de artefatos religiosos, como tambores, vestimentas e esculturas, que foram cuidadosamente dispostos no espaço expositivo para criar uma experiência imersiva. A abordagem de Lina ia além da simples exibição de objetos: ela pretendia transformar o espaço da exposição em um reflexo dos próprios terreiros de Candomblé, onde o sagrado e o cotidiano se encontram. Lima (2021) enfatiza que a curadora teve o cuidado de evitar qualquer exotização da cultura afro-brasileira, tratando-a com o devido respeito e reverência, algo incomum em uma época de forte segregação cultural e racial no Brasil.

Próximo à porta e à esquerda dos visitantes havia um Exu, divindade protetora que guarda e zela o acesso a esses lugares de celebração da religião afro-brasileira [...] Tal como nos terreiros que conheceu no Nordeste, Lina indicou que folhas forrassem todo o chão da sala de exposição: desejava folhas de pitangueira, conforme tinha visto em Salvador, mas devido à dificuldade de encontrar tal árvore em São Paulo, contentou-se com folhas de eucaliptos do próprio Ibirapuera, renovadas diariamente de modo a deixar o ambiente com um forte e agradável perfume – no candomblé, as folhas pertencem também aos orixás e, quando espalhadas pelo chão, representam a harmonia dos homens com o solo, com o mundo, com Àiyé (PERROTA-BOSCH, 2021, p. 291-292).

Perrotta-Bosch (2021) ainda explica que Lina fez um velário com tecido branco transparente, levemente drapeado, que pairava sobre todo o recinto, uma referência a uma outra característica das construções sagradas nas religiões afro-brasileiras, o teto coberto com uma infinidade de fitas de papel, que representam a sustentação de Orun –



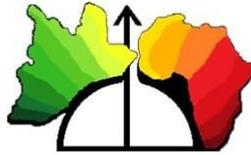
**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

o céu ou o mundo espiritual. As paredes estavam cobertas com cortinas opacas azul-escuras, onde não se podia pendurar nenhum quadro, visto que por toda sua vida Lina rejeitou prender pinturas no perímetro das salas expositivas.

Outro aspecto importante foi a criação de uma atmosfera que evocava o sentido de transcendência espiritual. A arquitetura circular utilizada no projeto da exposição remete aos terreiros e às formas de organização espacial que são essenciais nas religiões afro-brasileiras. Como aponta Bastide (2001), os rituais do Candomblé são estruturados em torno de uma centralidade simbólica, onde o espaço sagrado é o ponto de convergência das forças espirituais. Lina capturou essa ideia ao criar um espaço expositivo que permitia aos visitantes circularem ao redor dos objetos, criando uma dinâmica semelhante àquela experimentada nos rituais afroreligiosos.

Verger (2021), em suas análises sobre as práticas religiosas afro-brasileiras, ressalta que os terreiros de Candomblé são construídos de maneira a integrar a natureza e os objetos sagrados de modo orgânico, algo que Lina traduziu em sua curadoria ao utilizar materiais e formas que remetiam à materialidade dos rituais. A combinação de esculturas de Carybé, objetos litúrgicos e a disposição dos altares criava um ambiente em que o visitante poderia experimentar um aspecto da espiritualidade que transcende o visual, atingindo o sensorial e o imaterial.

O respeito à africanidade e às suas expressões religiosas também ecoa nas palavras de Mário de Andrade (2002), que sempre defendeu a valorização das culturas populares e negras no Brasil. Para ele, as tradições afro-brasileiras, e em particular o Candomblé, desempenham um papel fundamental na formação de uma identidade cultural brasileira autêntica. Esse pensamento influenciou Lina Bo Bardi, que, ao organizar a exposição, buscou trazer à tona essas tradições de maneira respeitosa e digna, valorizando sua complexidade simbólica e estética.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

A indumentária do candomblé é apresentada por meio de representações simbólicas, utilizando-se de bonecos confeccionados com tecido e palha, dispostos sobre estruturas em formato cúbico. Essas representações contemplam seis divindades distintas: Omulu, reconhecido como o curandeiro dos menos favorecidos; Iemanjá, reverenciada como a soberana e mãe das águas, bem como progenitora de todos os orixás; Iansã, deusa associada aos ventos e tempestades; Xangô, deus do raio e trovão; Oxalá, divindade ligada à fertilidade e cuja influência está relacionada ao Senhor do Bonfim; e Nanã, considerada a mais idosa entre as mães d'água (PEREIRA, 2008).

A imersão proposta por Lina ao organizar a exposição "Bahia no Ibirapuera" não apenas revelava os objetos religiosos, mas permitia ao visitante experienciar uma conexão com a espiritualidade afro-brasileira. Para Rossetti (2002), Lina conseguiu, de forma sutil, transmitir a sacralidade dos objetos e a potência dos rituais afro-brasileiros, ao construir uma narrativa espacial que evocava os terreiros e os espaços circulares de celebração. A exposição, portanto, não era apenas uma vitrine da religiosidade afro-brasileira, mas um espaço de reflexão sobre o papel dessas religiões na formação de uma identidade cultural brasileira plural e inclusiva.

Contudo, a exposição não tinha o candomblé como religião exclusiva. Tal como a própria Bahia, ali era promovido o sincretismo, a exemplo das esculturas barrocas de um Cristo de mãos amarradas, de uma Nossa Senhora e de um santo franciscano. Além desses elementos, vieram da fé católica quadros com a Paixão de Cristo e os "ex-votos" – também conhecidos como "promessas" ou, no sertão, "milagres" – apresentados no fundo da exposição: encontradas em igrejas, essas pequenas esculturas de cabeças, crucifixos, figas, mãos, pés, braços, pernas ou órgãos do corpo são ofertadas pelo fiel ao santo de devoção em agradecimento por um pedido, cura ou graça (PERROTTA-BOSCH, 2021).



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

## CONEXÕES COM A RELIGIOSIDADE E O ESPAÇO SAGRADO AFRO-BRASILEIRO

A curadoria de Lina na exposição reflete uma sensibilidade singular em relação à espacialidade e à materialidade das religiões afro-brasileiras. Apesar de não ser praticante dessas religiões, a arquiteta compreendia profundamente o papel simbólico do espaço nos rituais dessas tradições. Bastide (2001) salienta que, nos terreiros de Candomblé, o espaço é muito mais do que um simples local físico: ele é estruturado em torno de uma centralidade simbólica, representada por árvores sagradas ou altares, onde as forças espirituais convergem. Lina, ao organizar a exposição, capturou esse conceito de centralidade, replicando uma lógica espacial semelhante.

Além disso, o círculo, forma recorrente na arquitetura da exposição, ecoa diretamente a disposição espacial dos terreiros. Verger (2021) aponta que, nos rituais do Candomblé, o círculo simboliza a unidade entre o mundo material e espiritual, criando um espaço de conexão entre os praticantes e os orixás. A disposição circular dos objetos e o espaço expositivo remetiam a essa estrutura, permitindo ao visitante se envolver em um processo de circulação ao redor dos objetos religiosos, criando uma experiência participativa e simbólica, semelhante ao ritualístico.

Lina não buscava apenas apresentar objetos religiosos; sua intenção era criar uma atmosfera que reproduzisse o espaço sagrado afro-brasileiro. Rossetti (2002) argumenta que a espacialidade de Lina na exposição não era uma mera escolha formal, mas uma tentativa de evocar os sentidos e criar um espaço que comunicasse respeito e reverência pelas práticas espirituais afro-brasileiras. O ambiente criado na exposição remete ao espaço do terreiro, onde o sagrado é vivenciado coletivamente, e o espaço é configurado de maneira a promover o envolvimento emocional e espiritual dos participantes.

A inclusão de elementos de sincretismo religioso também foi uma característica notável da exposição, demonstrando a sensibilidade de Lina para com a complexidade cultural



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
**Circulações e Produções Culturais Negras**  
**nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem**

baiana. Além dos objetos e símbolos associados ao Candomblé, a exposição incorporava elementos do catolicismo popular, como esculturas de santos e quadros com a Paixão de Cristo. Isso evidenciava o caráter multifacetado da religiosidade baiana e o sincretismo que permeia as práticas religiosas na Bahia. Ao destacar essa coexistência entre o catolicismo e as religiões de matriz africana, Lina reafirmava a multiplicidade cultural que caracteriza a identidade brasileira, particularmente no contexto da Bahia.

Ao estudar os elementos que compunham a exposição, é possível perceber que a organização espacial era deliberadamente fluida, sem barreiras rígidas que pudessem separar o público dos objetos sagrados, como muitas vezes acontecia em exposições tradicionais. Pereira (2008) destaca que Lina optou por uma disposição aberta, aproximando o visitante da experiência simbólica e sensorial dos rituais afro-brasileiros, permitindo que o público se conectasse de maneira direta com os significados espirituais dos objetos expostos (Figura 2).

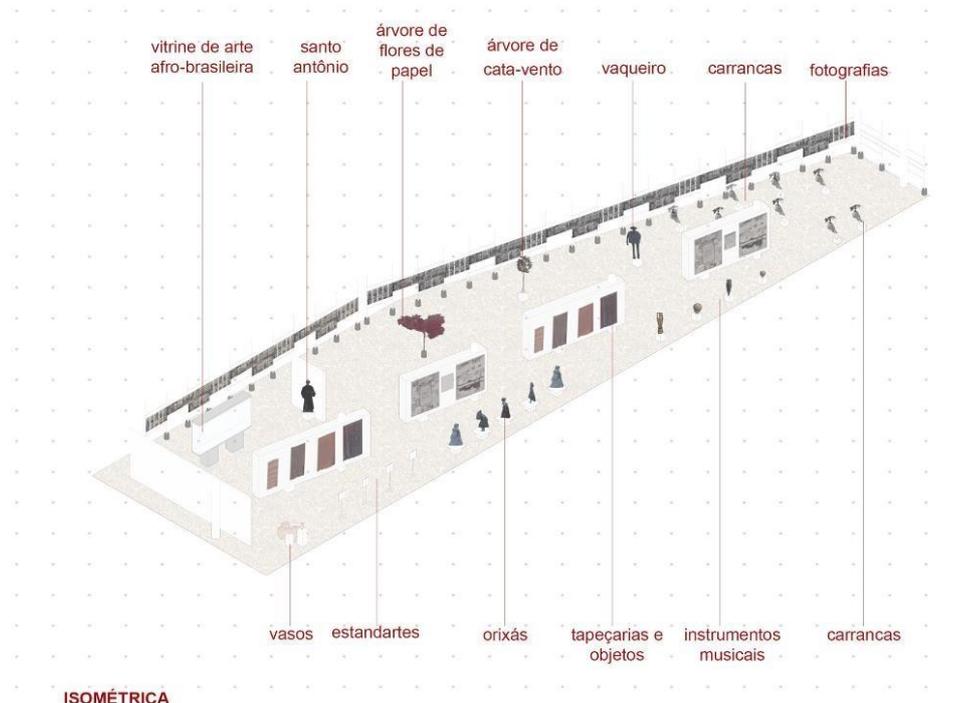
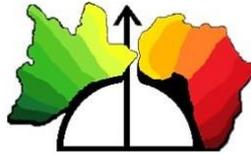


Figura 2: Perspectiva Isométrica da disposição dos objetos na exposição Fonte: Capí Oficina (2021)

A conexão entre espaço e espiritualidade também está presente na forma como os objetos religiosos foram dispostos no ambiente expositivo. Segundo Lima (2021), os



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

objetos sagrados, como os tambores, esculturas de divindades e paramentos, foram dispostos em locais estratégicos para que pudessem ser contemplados de maneira semelhante a como seriam reverenciados em um terreiro. Essa escolha curatorial não apenas apresentava os objetos como itens culturais, mas também preservava sua sacralidade, algo que Lina considerava essencial para uma verdadeira compreensão da cultura afro-brasileira.

Assim, ao integrar os princípios de organização espacial dos terreiros de Candomblé, Lina conseguiu criar um espaço que não só apresentava os elementos religiosos, mas também evocava as emoções e os significados profundos ligados à espiritualidade afro-brasileira. Essa sensibilidade espacial permitiu que a exposição "Bahia no Ibirapuera" fosse mais do que uma mostra de artefatos culturais; ela se tornou uma celebração da conexão entre espaço, espiritualidade e identidade cultural.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A exposição "Bahia no Ibirapuera" não foi apenas um evento cultural de grande impacto para o cenário artístico de São Paulo, mas também um ponto de inflexão na maneira como a cultura afro-brasileira passou a ser vista e valorizada no Brasil. Ao trazer para o centro da discussão a religiosidade afro-brasileira, Lina Bo Bardi conseguiu desmistificar essas tradições, retirando-as da esfera do exotismo e do folclore e apresentando-as como uma parte essencial da formação cultural e espiritual do país. Sua capacidade de entender e transpor a espiritualidade dos terreiros para o espaço expositivo, utilizando uma curadoria imersiva e simbólica, foi um dos fatores que consolidou a exposição como um marco cultural.

Realizada em São Paulo, um dos grandes centros do modernismo brasileiro, a exposição teve o mérito de romper com a hegemonia europeia predominante nos espaços artísticos da época. Lina propôs um novo olhar, em que a cultura popular, especialmente a de matriz africana, não era subalterna, mas protagonista. Seu trabalho destacou a riqueza estética, cultural e espiritual das tradições afro-brasileiras, oferecendo uma experiência



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

inovadora e imersiva que desafiava as normas estéticas estabelecidas. Como resultado, a exposição não apenas alterou a percepção da cultura afrodescendente no Sudeste, mas também influenciou futuras exposições ao legitimar as expressões culturais populares dentro dos museus e espaços expositivos.

Além disso, o impacto da exposição vai além de seu tempo. A abordagem curatorial sensível de Lina Bo Bardi, ao valorizar a autenticidade das tradições afro-brasileiras e criar um espaço onde o popular e o erudito se encontravam, continua a inspirar curadores e arquitetos até hoje. Ao estabelecer conexões entre a arquitetura, a cultura popular e a espiritualidade, Lina mostrou que o museu pode ser um espaço de diálogo entre diferentes realidades culturais, transcendendo as fronteiras tradicionais do espaço expositivo. Esse legado se mantém vivo na forma como as culturas afro-brasileiras são cada vez mais reconhecidas como fundamentais para a construção da identidade nacional.

A exposição "Bahia no Ibirapuera" trouxe à luz questões e tradições que, por muitos anos, foram marginalizadas e criminalizadas no Brasil, como a prática do Candomblé. Historicamente, as religiões de matriz africana enfrentaram forte repressão e preconceito, sendo alvo de perseguições legais e sociais. Ao incluir esses elementos em uma exposição de grande porte, realizada em um dos centros culturais mais importantes do Brasil, Lina Bo Bardi não apenas reconheceu a importância dessas tradições para a identidade brasileira, mas também desafiou a invisibilidade imposta a elas. A inclusão de artefatos sagrados e a recriação do espaço ritualístico do Candomblé no ambiente expositivo representaram um ato de resistência cultural e legitimaram o valor espiritual dessas práticas.

Essa experiência não apenas ampliou a visão do público sobre a diversidade cultural do país, mas também transformou Lina Bo Bardi, aprofundando sua compreensão sobre a cultura popular brasileira. A exposição reforçou a conexão de Lina com o Brasil profundo, fazendo com que a arquiteta passasse a enxergar as expressões populares com ainda



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

mais sensibilidade e respeito. Sua atuação posterior refletiu essa transformação, ao integrar de forma mais profunda a cultura popular em sua obra, consolidando seu papel como uma mediadora entre o erudito e o popular, e como uma figura essencial na valorização da cultura afro-brasileira e suas práticas espirituais.

O êxito de "Bahia no Ibirapuera" também reside na forma como Lina soube lidar com a complexidade da religiosidade afro-brasileira. Sua habilidade de criar uma narrativa espacial imersiva não só enriqueceu a experiência dos visitantes, mas também permitiu que as tradições afrodescendentes fossem vistas com a profundidade e o respeito que merecem. Assim, a exposição reafirmou a relevância de uma abordagem curatorial que não apenas apresente objetos, mas também construa contextos de significação cultural e espiritual. O impacto duradouro da exposição demonstra como a arte e a arquitetura podem atuar como pontes entre culturas, ampliando os horizontes da compreensão e do reconhecimento cultural.

## REFERÊNCIAS

[livros]

ANDRADE, Mário de. **Danças Dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Garnier, 2002.

BARDI, Lina Bo. **Tempos de Grossura: O Design no Impasse**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1994.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.  
FERRAZ, Marcelo Carvalho (org.). **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 5. ed., 2018.

LIMA, Zeuler. **Lina Bo Bardi: O que eu queria era ter história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

PEREIRA, Juliano Aparecido. **Lina Bo Bardi: Bahia, 1958-1964**. Uberlândia: EDUFU, 2008.

PERROTTA-BOSCH, Francesco. **Lina: Uma biografia**. São Paulo: Todavia, 2021.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

RISÉRIO, Antonio. **Avant-garde na Bahia**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1995.

VERGER, Pierre. **Fluxo e Refluxo**: Do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos-os-Santos, do século XVII ao XIX. São Paulo: Companhia das Letras: 2021.

[teses acadêmicas]

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. **Tensão moderno/popular em Lina Bo Bardi**: nexos de arquitetura. Dissertação de mestrado – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2002.

[sites]

CAPÍ OFICINA. **Exposição Bahia no Ibirapuera, 1959 – Lina Bo Bardi**. Disponível em: < <https://www.behance.net/gallery/112514175/exposicao-bahia-no-ibirapuera-1959-Lina-BoBardi>>. Acesso em: 10 abr. 2023.